

A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL JUNTO A UM GRUPO DE CRIANÇAS DO BAIRRO DO SUMARÉ, SOBRAL-CEARÁ

Francisca Lusimara Sousa Lopes¹
Licurgo Nakasu²

RESUMO

A presente monografia compreende um estudo sobre a importância do trabalho de educação ambiental com um grupo de crianças do bairro Sumaré, Sobral-CE. Pretende-se envolvê-las em um projeto de auto-promoção como “seres em harmonia com Gaia, nosso planeta vivo”.

Palavras-chave: Educação ambiental. Crianças. Sobral-CE

ABSTRACT

The present monograph comprises a study about the importance of the environmental education work with children group on Bairro Sumaré, Sobral City, Ceará State. It's objective is to involve these children on self-promoting projects as “to be in harmony with Gaia, our living Planet”.

Key-words: Environmental education. Children. Sobral City. Ceara State.

INTRODUÇÃO

A justificativa desta monografia prende-se à necessidade inadiável da educação ambiental junto a um grupo de crianças do bairro Sumaré, pois vimos que o trabalho desde a base é prioritário para se iniciar um processo de mudanças de paradigmas tendo em conta o cenário atual em que se encontra a humanidade.

Dá-se atenção mais profunda à busca de novos horizontes em que a arte, como a dança e o teatro, desempenham papel fundamental, pois a dimensão estética traz um melhor entendimento da mensagem que se pretende trabalhar, e ao mesmo tempo expressa o desejo de criar e despertar a sensibilidade artística.

Segundo Tundisi (2001), a arte desempenha um papel duplo na educação ambiental. Por um lado, em situações nas quais as pessoas são destinatárias passivas, a arte inspira sua imaginação e sensibilidade. Ela chama a atenção para coisas que normalmente passam despercebidas devido ao rápido ritmo da vida. O contato com a arte pode tornar as pessoas conscientes dos efeitos destrutivos da vida moderna, criar uma sensação de nostalgia em relação ao mundo natural não deteriorado.

Uma das fontes de inspiração desse trabalho foram as atividades desenvolvidas pelo Instituto Núcleo de Estudos do Meio Ambiente – Instituto NEMA.

OBJETIVOS DO PROJETO

A idéia fundamental deste projeto é sensibilizar um grupo de crianças do bairro Sumaré para a importância da educação ambiental, visando:

¹ Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA.

² Professor Doutor do Curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

E-mail: licurgonakasu@bol.com.br

- a) Um levantamento inicial para, numa primeira aproximação com as crianças, auscultar seu interesse pela arte em oficinas de teatro e dança;
- b) Palestras educativas, através de teatro de boneco e contação de histórias com temas ecológicos e ambientais;
- c) Convivência junto a elas, para que atuem no bairro dentro de um programa ambiental em torno de atividades como passeios ecológicos, aulas de campo em ambientes diversos utilizando-se o método da observação participante.

O projeto prevê a integração de duas atividades:

- A construção de um projeto permanente (Projeto LEVI - Lua da Esperança para a Vida);
- A manutenção inicial deste projeto deve-se a aprovação de um grupo de estrangeiros (alemães);

O Projeto prevê ainda a construção de uma creche no local; a Creche Tia Carminha, em memória da filha de Tia Albetiza, moradora do bairro e apoiadora do projeto.

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental não significa transmissão de conteúdo específico, levando-se em conta que a mesma não é multivariada, devendo-se respeitar as faixa etárias a que é destinada.

O conteúdo mais indicado deve ser originado do levantamento das problemáticas ambientais vividas quotidianamente pela comunidade a ser trabalhada, com base em questões que se queiram resolver.

Podemos usar conteúdos bem diversos na educação ambiental, tais como saneamento básico, degradação da fauna e flora, poluição em geral, efeito estufa, biodiversidade, reciclagem do lixo doméstico e industrial, energia nuclear, produção armamentista, esgoto clandestino, contaminação dos mananciais, assoreamento do solo, degradação da vegetação, aterro de mangues, entre outros.

Conforme Lovelock (1991), “a devastação de ecossistemas tropicais poderia diminuir a capacidade de Gaia para se auto-regular, admoestando-nos a modificar as conseqüências do nosso comportamento destruidor.”

Para Guimarães (1995), a educação ambiental apresenta uma nova dimensão a ser incorporada ao processo educacional, trazendo recentes discussões sobre a questões ambientais e as conseqüentes transformações de conhecimento, valores e atitudes diante de uma nova realidade a ser construída.

Como explica Nicolescu (1999 p. 46), a transdisciplinaridade diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

O conteúdo do ensino-aprendizagem deve possibilitar as pessoas no caso, as das comunidades, fazerem ligações entre as ciências e as questões imediatas da realidade do bairro.

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Em 1968 foi realizada em Roma uma reunião de cientistas dos países desenvolvidos, para discutir o consumo e as reservas de recursos naturais não renováveis e o crescimento da população mundial até meados do século XXI.

As conclusões do “Clube de Roma” (Meadows et alii, 1972) deixam clara a necessidade urgente de se buscar meios para a conservação dos recursos naturais e controle do crescimento da população, além de se investir numa mudança radical da mentalidade dos habitantes do planeta. Seus participantes observaram que “o homem deve examinar a si próprio, seus objetivos e valores. O ponto essencial da questão não é somente a sobrevivência da espécie humana, porém, ainda mais, a sua possibilidade de sobreviver sem cair em um estado inútil de existências”.

Dessa reunião foi publicada o livro “Limites do Crescimento” (1968) que foi durante muitos anos uma referência internacional às políticas e projetos no longo termo e foi também alvo de muitas críticas, principalmente de intelectuais latino-americanos que liam nas entrelinhas a indicação de que para se conservar o padrão de consumo dos países industrializados era necessário controlar o crescimento da população nos países pobres.

Um dos méritos nos debates e das conclusões do Clube de Roma foi colocar o problema ambiental em nível planetário e, como consequência disso, a Organização das Nações Unidas – ONU realizou em 1972, em Estocolmo, na Suécia, a 1ª Conferência de Meio Ambiente Humano.

O grande tema em discussão na Conferência de Estocolmo foi a poluição ocasionada principalmente pelas indústrias. O Brasil e a Índia, que viviam na época “milagres econômicos”, defenderam a idéia de que “a poluição é o preço que se paga pelo progresso”.

Com essa “poluição oficial”, esses países abriram as portas para instalação de multinacionais poluidoras, impedidas ou com dificuldades de continuarem operando nas mesmas condições em seus respectivos países.

Conforme Lovelock (op. cit.),

Aquí, o homem pode enfraquecer a vitalidade de Gaia reduzindo a produtividade e destruindo as espécies do seu sistema de manutenção da vida; e pode então agravar a situação libertando para o ar ou para o mar quantidades anormais de compostos que são potencialmente perigosos para todo o globo.

Essa atitude trará consequências graves; o controle de risco está diretamente relacionado às noções de futuro. Alguns acontecimentos marcantes no século XX auxiliaram numa tomada de consciência sobre os riscos da industrialização e do uso indiscriminado da tecnologia.

Uma resolução importante da Conferência de Estocolmo em 1972, foi a seguinte:

A finalidade da educação ambiental é formar uma população mundial consciente e preocupada com o ambiente e problemas com ele relacionados, e que possua os conhecimentos, as capacidades, as atitudes, a motivação e o compromisso para colaborar individual e coletivamente na resolução de problemas atuais e na preservação de problemas futuros. (UNESCO, 1976 p. 2).

Podemos então considerar que aí surge o que se convencionou chamar de educação ambiental.

A UNESCO – organismo da ONU responsável pela divulgação e realização dessa nova perspectiva educativa, realiza seminários regionais em todos os continentes, procurando estabelecer os seus fundamentos filosóficos e pedagógicos.

Os seminários realizados por essa instituição que merece destaque aconteceram em 1975, em Belgrado, na Iugoslávia, numa reunião de especialistas em educação, biologia, geografia, entre outros, e se definiram os objetivos da educação ambiental no que se convencionou chamar “A Carta de Belgrado”.

Em Tbilisi, na Geórgia (ex URSS), em 1977, realizou-se o primeiro Congresso Mundial de Educação ambiental. No Brasil, a influência de Tbilisi já se faz presente quando da promulgação da Lei n. 6.938/81, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, suas finalidades e mecanismos de formulação e execução. A Lei refere-se, em um dos seus princípios, à “Educação ambiental a todos os níveis de ensino, inclusive a educação da comunidade, objetivando capacitá-la para participação ativa na defesa do meio ambiente.”

Nessa época, a então URSS vivia o início da *Perestroika* e da *Glasnost*, e temas como o desarmamento, acordos de paz entre URSS e os EUA, democracia e liberdade de opinião permeavam as discussões.

Muitos especialistas consideravam inútil falar em educação ambiental e formação de cidadãos enquanto vários países continuavam a produzir armas nucleares: “A primeira grande preocupação com o potencial técnico científico destrutivo da humanidade e da natureza acontece no

final da Segunda Guerra, com o lançamento da bomba atômica em Hiroshima (66 mil mortos) e Nagasaki (39 mil mortos.)” (BERNARDES; FERREIRA, 1993, p. 29).

A Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, dirigida pela primeira ministra norueguesa Gro-Brundtland, patrocina audiências públicas em várias cidades do mundo, inclusive em São Paulo, para discutir os problemas ambientais e as soluções encontradas após a Conferência de Estocolmo.

As conclusões foram publicadas em várias línguas. O livro o “Nosso Futuro Comum”, também conhecido pelo Relatório Brundtland, fornece os subsídios temáticos para ECO-92. Líderes de 170 países reunidos na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento formalizaram um documento com 40 temas considerados mais importantes para a qualidade de vida do Planeta ao longo do século 21, e partir daí entra em discussão o conceito de Desenvolvimento Sustentável, que consta na cartilha da Agenda 21 de Sobral- CE: “Desenvolvimento integrado da saúde, educação, moradia, lazer, empregabilidade, para a melhoria de vida da população, mas sem destruir a natureza, valorizando o espírito de cidadania, bem como respeitando a cultura local”. (Projeto de construção da Agenda 21 de Sobral, 2003/2004).

O lançamento da Agenda 21 brasileira, em julho de 2002, conclui a fase de elaboração e marca o início do processo de implementação, grande desafio para sociedade e governo. O projeto que deveria “marcar o começo de uma nova associação ambientalmente adequado para o presente, sem comprometer o destino das futuras gerações, ou seja, um desenvolvimento sustentável”.

Essas mudanças só expressam nos discursos, projetos e práticas que se auto-definem como sendo educação ambiental, mostrando a sua criatividade e importância. Em ecologia, em educação ambiental e, inclusive, no desenvolvimento sustentável, corremos o risco de montar projetos, organizar programas e promover processos à margem da pedagogia.

Na reflexão de Aziz Ab’Saber, a

Educação ambiental é um processo que envolve um vigoroso esforço de recuperação de realidades e que garante um compromisso com o futuro. Uma ação entre missionária utópica destinada a reformular comportamentos humanos e recriar valores perdidos ou jamais alcançados. Trata-se de um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual quanto coletivo.

OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação moderna é eficiente para a educação ambiental? Durante a Conferência Internacional de Tbilisi, organizada pela UNESCO e pela UNEP, realizada em 1977, foram definidos os princípios para o desenvolvimento da educação ambiental no mundo e suas características.

- ser um processo interdisciplinar de longa duração;
- ser holística (relação das partes com o todo) e dar atenção às relações naturais e entre o homem e os sistemas naturais;
- considerar o meio ambiente segundo diversos aspectos, dentro de conceitos naturais, sociais, políticos, econômicos, morais, estéticos e tecnológicos;
- considerar o meio ambiente dentro das seguintes dimensões: local e global; passado, presente e futuro;
- criar uma ética ambiental e estimular o desenvolvimento da sensibilidade e da consciência ambiental;
- ensinar a trabalhar em conjunto, comunicar e cooperar no sentido de resolver problemas ambientais e adquirir conhecimentos sobre essa matéria;
- encorajar a experimentar, avaliar e apreciar a beleza e a importância do meio ambiente;
- facilitar estudos ambientais, observações, experiências e a elaboração cognitiva mediante atividades práticas;
- promover a autoconfiança e a tomada de iniciativas;
- utilizar um largo espectro de métodos, técnicas e estilos para ensinar e aprender.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL INFANTIL

A educação das crianças, mediante exemplos positivos recebidos em casa, traz os melhores resultados. É desenvolver a educação ambiental desde os primeiros anos, despertando o gosto e a admiração pela beleza da natureza e, ao mesmo tempo, a rejeição pelas atitudes egoístas.

Mesmo vivendo de maneira consumista, devemos mostrar às crianças as leis da natureza e da realidade de que os recursos naturais são limitados; isto representa a base para a formação de um modelo de comportamento a favor do meio ambiente, primeiramente entre os mais novos.

Segundo o Prof. Dr. Sérgio Sardi, no livro “A emergência do paradigma ecológico”, “contemplar é olhar com carinho, na concepção das crianças. E elas estão mais próximas disto do que nós. Nós, ao contrário, nos habituamos demais ao mundo, ou melhor, a um modo cristalizado de ver e sentir a vida no mundo”. (SARDI, 1999 p. 157).

É essa a alternativa que usamos para inserir a criança no mundo de reflexão, através dos elementos da natureza, contemplar uma flor, um rio, diferentemente de um adulto que passa por esses elementos sem mesmo percebê-los. O autor ainda lembra que “talvez possamos, a partir de uma tal consciência de nossa condição, motivar-nos a redescobertas do sentido, da possibilidade e necessidade de religação, através de uma nova sensibilização, com a vida” (SARDI, 1999 p. 157).

A educação ambiental principia, pois, aprender e ensinar a “olhar com carinho”... E Sardi conclui que é preciso refletir sobre o sentido de falar em ambiente. O sentido do ambiente, segundo ele, é o envolvimento, isto é, o fato de pertencermos a ele, de fazermos parte indissociável do mesmo, o que nos situa significativamente num espaço e tempo determinados e dinâmicos. Onde e como vivemos, onde e como convivemos, informa sobre o nosso “ser”, pois, ao interagir com o ambiente, aprendemos com ele.

Podemos, assim, destacar a importância da arte em um processo gradual de sensibilização, ao suscitar uma reflexão com relação à natureza, pela contemplação do belo. Precisamos refletir sobre os nossos hábitos e repensar nossas relações com a natureza, para que possamos ver o mundo e os seres humanos com outros olhares.

Ao tornar-nos sensíveis é, no entanto, necessário passar pela vivência ecológica, praticada junto aos “lócus” criteriosamente selecionados, muito próximo da natureza intocada vista como santuário ou lugares sagrados, próximo à clareira preconizada pelos antigos filósofos gregos e constantemente lembrada por Heidegger em vários de seus escritos.

No entanto, vivência ecológica constitui-se no “espaço de liberdade” (NAKASU, 2006, p. 67) de uma relação com a natureza capaz de suscitar em cada um o significado da sensibilização, enquanto conhecimento fundado no amor. Segundo Lovelock (1991), é a recuperação harmônica do que é um planeta vivo. “Supõe uma nova maneira de ver, focalizar e viver nossas relações com o planeta terra e com tudo o que essa consciência planetária supõe, como a promoção de uma cultura da vida”, afirma Gutiérrez (1999, p. 31). Assim, destacamos que a cultura e a arte possam estar presentes quando for discutida a educação ambiental.

“A capacitação é um instrumento e caminho na realização da tarefa educacional. Uma criança que cresce no respeito por si mesma pode aprender qualquer coisa e adquirir qualquer habilidade se o desejar”. (MATURANA, 2000 p. 12).

Há que se fazer o resgate das histórias indígenas, a reconciliação da humanidade com o cosmos através de peças teatrais, por exemplo, focando sempre a natureza como algo sagrado.

Mircea Eliade, 1907-1986, (Ver ELIADE, 1986 p.55) fala que a experiência do sagrado torna possível a “fundação do mundo”: lá onde o sagrado se manifesta no espaço, o real se revela, o mundo vem à existência.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO EDUCAÇÃO POLÍTICA

O conceito de educação ambiental molda todo o processo de relações entre as pessoas, a sociedade, a natureza e o meio ambiente. Demonstra a dependência do homem em relação ao meio ambiente e o ajuda em sua responsabilidade face às mudanças que devem ser realizadas. Assim, a educação ambiental deve ser reconhecida como um elemento inseparável da totalidade

do processo educacional dos seres humanos em conjunto, como política de informações, estratégia e proteção à saúde pública.

A preocupação está no consumo excessivo dos recursos por uma parte da população mundial, como os países ricos, que desperdiçam e produzem artigos inúteis que ameaçam a qualidade de vida da população. Não se trata unicamente de garantir a preservação das espécies da fauna e a flora.

A educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social e autogestão. A educação ambiental como educação política enfatiza a questão “por que fazer”, antes de “como fazer”, considerando-se nossa responsabilidade e compromisso para com um meio ambiente equilibrado.

Ao questionarmos as opções políticas atuais e o próprio conceito de educação existente, papel de extrema importância na educação ambiental é ocupado pela ética. O homem contemporâneo vive profundas dicotomias, dificilmente se considera um elemento da natureza, mas sim como um ser à parte, um observador, explorador da mesma.

Esse distanciamento fundamenta as suas ações tidas como racionais, mas cujas consequências graves exigem dos homens, nesse final do século, respostas filosóficas e práticas para acabar com o antropocentrismo e o etnocentrismo.

A educação ambiental crítica está, dessa forma, impregnada da utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje entre a humanidade e a natureza. Pode também influir na formação de adultos e crianças num sentido estratégico na condução do processo de transição para uma sociedade atuante e envolvida com os problemas do seu local.

METODOLOGIA EMPREGADA

História de vida é uma metodologia originada da antropologia e que pode se aplicar muito bem na educação ambiental. Consiste no levantamento, pelos alunos, de histórias relacionadas sobre um tema ambiental, vividas por eles mesmos, por familiares, vizinhos e amigos. O exemplo pode ser o relato de um voluntário do Instituto NEMA:

Nós fizemos um levantamento dos problemas ambientais vividos pela comunidade. Após analisados esses problemas, escrevemos peças relacionadas à realidade deles e apresentamos junto às crianças por meio do teatro de boneco e contação de histórias, comparando-os e procurando observar as causas comuns e os efeitos particulares, e ao mesmo tempo encontrando a solução de se trabalhar esses problemas. Encontramos como solução a educação ambiental (Carla Mikale Farias, ex-aluna do curso de Biologia da UVA).

As histórias de vida são contadas oralmente, por escrito ou através de desenhos e representações artístico-culturais. Por serem histórias individuais, fragmentadas, ao serem expostas pelas crianças ou pelos próprios moradores, permitem a compreensão, a identificação e a busca de soluções coletivas para os problemas.

Este é também um método que permite às crianças empregarem a sua criatividade e expressar as representações de conceitos científicos e dos problemas ambientais em discussão. Tendo isso claro, montou-se um grupo de dança de quinze integrantes, e tendo a experiência de um contato significativo com a natureza, através da música, acompanhada de reflexão sobre a sonoridade musical.

Cornell apresenta um sistema de percepção da natureza denominada Flow Learning, traduzido como Aprendizagem Seqüencial. Segundo Cornell (1996-1997), citado por Schiel e outros (2002), a beleza do método é que

[...] ele mostra ao coordenador das atividades (professor, líder) como partir de onde os alunos estão, para, então, despertar sua participação e guiá-los, passo a passo, por uma atividade de crescente sensibilização e um mergulho profundo na percepção e compreensão do meio ambiente.

Com base nas experiências de Cornell, os jogos e atividades que possam fluir da melhor forma, independente da faixa etária, do humor ou da condição física do grupo podem ser utilizadas nas atividades do grupo.

Este trabalho já vem sendo realizado desde o momento em que se iniciou o Projeto dessa monografia, novembro de 2003. O Instituto Núcleo de Estudos do Meio Ambiente – Instituto NEMA, é uma ONG formada em maio de 2003 pelos alunos dos Cursos de Geografia e Biologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, como também pelos alunos do Curso de Saneamento Ambiental do Instituto CENTEC. (Histórico do Instituto NEMA em Apêndice).

E através da Coordenação do Núcleo de Educação ambiental realizam-se os trabalhos de educação ambiental pelo menos uma vez por semana junto às crianças do bairro Sumaré.

O aprendizado é desenvolvido através do lúdico, como o teatro de boneco, que traz os personagens muito conhecidos na cidade de Sobral, Natalie e Petrucio, que já viraram destaque nos jornais municipais (ver Apêndice) e até na televisão estadual, na Semana do Meio Ambiente. Estes que narram e discutem histórias com temas ambientais despertam nas crianças a curiosidade de saber mais sobre a natureza e principalmente despertá-la para a importância da preservação da mesma.

Com o apoio dos alemães, que financeiramente devem ajudar neste projeto, pretendemos incentivar outros órgãos a também contribuir, seja qual for o recurso. E envolvendo a arte como a dança, teatro e oficinas que possam se estender à comunidade como alternativas de ocupação. O Projeto levará o nome de LEVI – Lua da Esperança Para a Vida.

O BAIRRO DO SUMARÉ

Segundo relatos da comunidade, não existe histórico oficial documentado sobre o bairro do Sumaré. Foi então registrada pela agente de saúde local uma entrevista com a senhora Francisca Moreira Pimentel, uma moradora muito antiga no bairro.

Mais ou menos na época de 1931, meus pais vieram morar no bairro Alto do Sumaré, eu ainda era pequena, mas lembro bem que aqui existiam poucas casas e quase tudo era mato. Aqui nesta época os homens tinham mania de ser valentes, e brigavam de facão, por isso o bairro também ficou conhecido como Alto do Facão. Depois foi chegando mais gente, construíram algumas casas mas não tinha escola, nem igreja. Depois foi construída e igreja de São Miguel, que era zelada pelo meu marido, Raimundo Ancelmo Pimentel (conhecido como Dola); era conhecido em todo Sumaré.

Havia uma casa, que chamavam de “casa velha do Sumaré”, onde depois foi erguida a igreja pelo Comendador José Modesto, homem muito rico, que com sua esposa dona Dolores construíram nossa igreja de São José. Depois que esse casal morreu, foi enterrado na própria igreja.

O bairro foi crescendo, vindo depois para cá dois americanos, que passaram a morar por um tempo no bairro. Eles faziam visitas aos moradores, reuniões, mostrando como era importante a união da comunidade e sua organização.

Em 1974 houve uma grande enchente do rio Acaraú, por isso o prefeito na época, o Sr. Zé Prado, trouxe os ciganos pra cá, morando até hoje, convivendo conosco, criando suas famílias e até casando com quem não era cigano.

Dona Maria José, esposa do José Euclides Ferreira Gomes, pai do ex-prefeito Cid Gomes, trouxe para o bairro um projeto muito bom, beneficiando a comunidade e as crianças. Depois veio a SOPRI, uma associação comunitária, que procura ajudar nosso bairro a melhorar. Mas ainda precisa muito para se organizar, e que cada dia cresce mais.

São as ruas do bairro do Sumaré: Rua da Tubiba, Ferroviária, São Judas Tadeu, Valéria, Princesa do Norte, Nova, Marly, Maria Isabel Freitas, Curtume, Arcoverde, Maria Benvinda, São José I, II e III, Comendador José Modesto.

É delimitado a oeste pelo bairro Padre Palhano, a leste pela margem do rio Jaibas, ao norte pelo Riacho Mucambinho e ao sul com a rua Tubiba (BR 222). Estas posições são delimitadas.

tadas por barreiras físicas bem evidentes, levando à ocupação freqüente de terrenos insalubres e áreas de risco, o que causa caos no período chuvoso, tornando urgente a revisão do Plano Diretor da cidade.

Segundo dados do PSF (Programa Saúde da Família) local, em 2000 havia um total de 6.310 pessoas no bairro; em 2001 esse número aumentou para 7.509. Esse levantamento foi feito pelas agentes de saúde local, que encontravam casas fechadas.

Um dado alarmante é o fato de que 22% das gestantes no bairro são adolescentes, que merecem mais atenção nos programas de educação sexual desenvolvidos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS DO PROJETO

Queremos destacar aqui a campanha de arrecadação de alimentos realizada no dia 18 de novembro de 2003, na Universidade Estadual Vale do Acaraú, em prol das crianças, pois foi nesse espaço de distribuição de sopas, desenvolvida por D. Albetiza Lesbão, moradora do bairro, que inserimos esse projeto.

Em dezembro de 2003, realizamos a festa de natal, junto às crianças, com apresentações educativas e de solidariedade.

Em janeiro de 2004 iniciamos um cadastro para formação de um grupo, em que pudéssemos desenvolver um projeto educativo no bairro. Como parceira, D. Albetiza dispõem do seu espaço (quintal da sua casa) como local dos encontros com o grupo.

Depois de vários contatos do grupo formado por oitenta crianças, descobrimos junto delas o poder da arte – uma questão pouco discutida no seu dia a dia.

Das cadastradas, quinze meninas com idade de sete a doze anos escolheram trabalhar com a dança, tendo esse incentivo vindo também através da escola. Na primeira oficina de dança, realizada em abril de 2004, escolheram trabalhar temas que tinham a ver com o que elas queriam representar: a Mãe Terra. Escolhida a música Cio da Terra, na voz de Chico Buarque, o grupo inicia suas oficinas de danças, partindo de estudos, de movimentos naturais, como o movimento das árvores, a formação das nuvens no céu através das forças do vento; estudamos também a letra da música, que destaca a relação do trigo com a terra.

Em agosto o grupo cresceu, por isso as aulas tinham que ser retomadas para que as novas integrantes acompanhassem o ritmo. No ano de 2005, o grupo ainda se encontra em fase de preparação, mas já sonha em atuar em eventos que tratam sobre meio ambiente. “Não vejo a hora de mostrar nosso trabalho na semana da árvore, assim estaremos incentivando muitas crianças a respeitar as árvores”, fala Beatriz, de oito anos.

A mudança do grupo está sendo percebida não só através do interesse pela arte, mas na mudança de hábitos, como o simples jogar do papel no chão, a cada evento festivo, realizado pelos voluntários. “Temos que conseguir uma lixeira, para coletar todo o copinho ou lencinho de papel que iremos utilizar”. A organização em se trabalhar em grupo e o aspecto solidariedade também mudou, pois esse grupo tem na mente a irmandade.

O que se comentava a cada encontro realizado uma vez por semana eram assuntos relacionados a crimes, roubos, etc. Hoje a preocupação em se pensar uma política ambiental para o bairro se tornou prioritária, como pensar na confecção de placas educativas para terrenos baldios, como forma de inibir as pessoas a jogar lixo, em organizar grupo de estudo para confeccionar cartazes para campanhas, como passeatas, alertando para o respeito pela natureza no bairro.

Esse Projeto também motivou outros órgãos para benefício da comunidade local. A Secretaria de Desenvolvimento Econômico deve desenvolver ainda esse projeto com os pais das crianças, a fim de preparar cursos e oficinas voltadas a arte culinária.

O SESC abriu sua biblioteca como espaço de estudo e discussão, para se trabalhar as questões educativas, como também o IBAMA, que em parceria com Instituto NEMA, aprovou o projeto da Sala Verde junto ao Ministério do Meio Ambiente.

CONCLUSÃO

Com a formação do grupo, oitenta crianças na faixa etária de dois a doze anos adquirem um maior interesse em estudar as causas ambientais, ao mesmo tempo que se ocupam em atividades artísticas e culturais. Os pais das crianças cadastradas devem se inserir em um projeto que será patrocinado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, em que está previsto montar reuniões para formação de núcleo de oficinas, de acordo com a aceitação do morador e da sociedade.

É importante se perceber o trabalho de educação ambiental em diferentes realidades, em que os conceitos devem ser trabalhados de forma a adequá-los ao público-alvo e à realidade local. O que parece ser relevante é que a educação ambiental abordada na proposta desta monografia não está vinculada à transmissão de conhecimento sobre natureza, mas sim à possibilidade de participação social nas decisões políticas a respeito do meio ambiente, processo que possibilita um efetivo ensino-aprendizagem.

O avanço do conhecimento humano no campo da ecologia nos faz compreender que somos apenas mais um elo da corrente de sustentação da vida na Terra. Por isso, é fundamental que todos possam apreender ecologia e através desta, relacionar todos os seres vivos entre si e com os seus ambientes.

Um novo tempo já chegou, é hora de alertamos a todos e buscarmos uma maior participação política, uma melhor qualidade de vida, soluções para os problemas ambientais. Seguindo os limites da ética estaremos estabelecendo uma sociedade mais justa, saudável, consciente e mais feliz. Trata-se de um processo histórico que exige o compromisso da cidadania e do poder público.

As crianças parecem ser espontaneamente orientadas para o amor, o amor ao ser e principalmente à natureza.

BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Sandra Raptista; GUERRA, Antônio José Teixeira. **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DONAIRE, Denis. **Gestão ambiental na empresa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. **Geosul**, Florianópolis, v. 17 n° 33, jan-julho 2002.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Tradução: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

HANS, Jurgen Fiege. **ONGs no Brasil: perfil de um mundo em mudança**. Fortaleza: Fundação Kourand Adenauer, 2003.

KRISHNAMURTI, Jidu. **Sobre a natureza e o meio ambiente**. Tradução: Zilda Hutchinson Schild Silva. São Paulo: Cultrix, 2000.

LEFE, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEME, Patrícia C. S. **O estudo de bacias hidrográficas: Uma estratégia para educação ambiental**, Cap. 2. O Método de Joseph Cornell para aprendizagem seqüencial na Natureza. São Carlos, niMa, 2002.

LOVELOCK, J. E. **As eras de Gaia**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

MANUAL DO MEIO AMBIENTE. Centro Brasileira de Estudos e Pesquisas das Atividades dos Corpos de Bombeiros.

- MATURANA, Humberto; REZEPKA, Nisis Lima de. **Formação humana e capacitação**. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MEADOWS, Donella H.; MEADOWS, Dennis L.; RANDERS, J.; BEHRENS, W.W. **The limits to growth: a report for the Club of Rome's Project on the predicament of mankind**. New York: Universe Books, 1972.
- NAKASU, Licurgo. **Vivência - apreender com a natureza**. Fortaleza: Edições UVA/Fundação Demócrito Rocha, 2006 (No prelo).
- NICOLESCU, Basarad. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.
- PELIZZOLI, M. L. **A emergência do paradigma ecológico: reflexão ético-filosófica para o século XXI**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PLANO Local de Saúde; Diagnóstico de Saúde + Programação (Relatório Final). Sumaré 2000.
- PROJETO de Construção da Agenda 21 de Sobral. Prefeitura Municipal de Sobral e Fundo Nacional do Meio Ambiente. Sobral Ceará, 2003/04.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 1994. .Coleção Primeiros Passos.
- REILLY, Charles A. Os formadores de políticas das ONGs e a ecologia social do desenvolvimento. **Desenvolvimento de Base**, v. 17, n. 1, 1993.
- SCHIEL, Dietrichy et al. **O estudo de bacias hidrográficas: uma estratégia para educação ambiental**. São Carlos: RIMA, 2002.
- TUNDISI, José Galizia.- **Planejamento e gerenciamento de lagoas e reservatórios: uma abordagem integrada ao problema da eutrofização**. Série de publicações Técnicas. UNEP-IETC, 2001.
- UNESCO. **Tendances de l'éducation relative a l'environnement après Tblisi**. Paris: UNESCO, 1977.
- VIANA, Maria Yêda MontÁlverne; MONTEIRO, Maria da Paz Andrade. **Territorização - Sumaré**. Sobral, 2001.

APÊNDICE – INSTITUTO NEMA

Histórico do Instituto NEMA

Surgiu em maio de 2003, por iniciativa de estudantes do cursos de Biologia e Geografia da UVA e Saneamento Ambiental do CENTEC.

Desde então, vem contribuindo com as causas ambientais e ampliando sua linha de atuação na região norte do estado do Ceará, em suas áreas de atuação: educação ambiental, ecossistema e ecoturismo.

Ações desenvolvidas

1. Apoiou e participou da Semana do Meio Ambiente de Sobral (2003 e 2004) e na Conferência Regional do Meio Ambiente (2003).
2. Realizou diversas palestras e debates na Universidade Estadual Vale do Acaraú e em escolas da região.
3. Planejou trilha na Estância Ecológica Águas do Pajé, em Taperuaba- Sobral- Ce.
4. Colaborou com a Semana Nacional do Mutirão Contra a Fome promovida pelo SESC.
5. Ministrou oficinas durante o ECEL (Encontro Cearense de Estudantes de Letras) e da Semana do Meio Ambiente da Casa da Geografia – UVA.
6. Publicou pesquisa no IV Encontro de Iniciação Científica da UVA sobre o rio Batoque, Hidrolândia – Ce.
7. Publica relato no jornal do Meio Ambiente acerca de abusos cometidos pelas autoridades de instituições responsáveis pelo meio ambiente contra a comunidade de Manhoso, Viçosa- Ce.
8. Parceira na realização da X Regata Ecológica de Tatajuba - Camocim-Ce.
9. Promoveu movimentos ecológicos em Tatajuba, Camocim – Ce.
10. Em parceria com UVA, CENTEC e IBAMA, aprovou projeto da Sala Verde junto ao Ministério do Meio Ambiente.

Grupos de trabalho

- Agenda 21 de Sobral - Coordenação Administrativa
- Criação do Comitê da Bacia do Acaraú
- Grupo de Trabalho visando atrair o Instituto do Semi-Árido para Sobral;
- Comitê gestor do PLANDESVA - Plano Integrado de Desenvolvimento Sustentável da Bacia Hidrográfica do Acaraú
- Fórum da Bacia do Coreaú

Missão

Promover o conhecimento, a conscientização, a criticidade e iniciativas em torno das questões ambientais pela população, considerando suas realidades físicas, sociais e culturais, contribuindo para a melhoria das condições naturais e da qualidade de vida da região norte do Estado.